



EBX investe R\$ 2,3 mi em Mata Atlântica do Rio

Projeto visa criação de corredor ecológico de 400 mil hectares no norte fluminense, para recompor a floresta onde se encontram os miquis, candidatos a mascote da Olimpíada

Martha San Juan França
mfranca@brasileconomico.com.br

Depois de anos lutando solitariamente pela conservação dos miquis (os maiores macacos das Américas), sobreviventes nos fragmentos de mata dos parques estaduais do Desengano e dos Três Picos, a veterinária Paula Breves, ganhou dois apoios de peso. O grupo EBX, de Eike Batista, se comprometeu a investir R\$ 2,3 milhões na implantação do Corredor Ecológico do Miqui, um megaprojeto de restauração da Mata Atlântica no norte fluminense. E o miqui passou a ser um forte candidato a mascote dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio.

“Cansei de procurar empresários para fazer algo pela espécie”, relembra a veterinária, que também é presidente da ONG Eco Atlântica. “Ninguém me dava atenção.” Foi quando ela teve a ideia de transformar o miqui em mascote da Olimpíada e ganhou a simpatia do chefe do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, Alcides Pissinatti, que a ajudou a levar o projeto adiante.

No meio do caminho, eles tomaram conhecimento da ideia do corredor ecológico da EBX,

cujo objetivo é justamente recompor a mata nativa que servia de habitat para o animal.

Além do porto

A EBX, que está construindo o Porto do Açú, no distrito industrial de São João da Barra, desejava patrocinar uma ação emblemática ligada à biodiversidade, além das medidas de compensação que teria que realizar obrigatoriamente para obter as licenças ambientais do projeto. “Queríamos ajudar na recuperação de uma área grande no Estado do Rio”, disse Paulo Monteiro, diretor de sustentabilidade do Grupo EBX.

A Secretaria do Meio Ambiente do Rio também estava atrás de apoio para ampliar a área protegida da Mata Atlântica do norte fluminense. Hoje, o que resta da vegetação se concentra na crista da Serra dos Órgãos, salva pelo difícil acesso, do desmatamento presente em parte das 5 mil propriedades rurais dos dez municípios da região. Escondido nesses fragmentos de mata, subsistem os miquis.

Com a conexão de florestas, por meio do corredor patrocinado pela EBX, o fluxo genético de animais e plantas cresce, au-



A EBX, que está construindo o Porto do Açú, no distrito industrial de São João da Barra, desejava patrocinar uma ação emblemática ligada à biodiversidade

mentando as chances de preservação do primata e de diversas outras espécies, como o macaco-bugio, a onça-parda, o tamanduá-de-colete e a jaguatirica. A prática dos corredores é velha conhecida dos ambientalistas para recompor o que resta da Mata Atlântica. E o norte fluminense guarda os mais elevados índices de biodiversidade do bioma, sendo a sua preservação considerada, por esta razão, prioridade máxima.

O projeto de reflorestamento, apresentado oficialmente esta semana no Rio, visa recuperar uma

área de 400 mil hectares, que serão acrescentados aos 858,7 mil hectares remanescentes de Mata Atlântica do Estado, por meio de uma parceria com o Instituto BioAtlântica (Ibio) e a empresa Brasil Florestas, que fará a recomposição da vegetação.

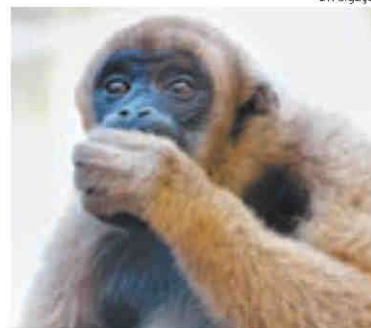
Segundo a diretora do Instituto Estadual do Ambiente (Inea), Marilene Ramos, “a ideia é utilizar os incentivos já existentes, como o pagamento por serviços ambientais, e disponibilizar apoio técnico e financeiro para que os proprietários rurais se sintam motivados a manter uma boa porção de suas propriedades intactas”. ■

CAMPANHA

Os candidatos a mascote dos Jogos Olímpicos de 2016

Já está em andamento no Rio uma campanha entre ambientalistas para influenciar a escolha do mascote dos Jogos Olímpicos de 2016. O muriqui, maior macaco das Américas e maior mamífero nativo e exclusivo do Brasil, é forte candidato, pois ajudaria a chamar a atenção para o risco que corre de extinção e reforçaria as ações pela preservação da Mata Atlântica.

Calcula-se que existam hoje cerca de 1,3 mil muriquis, também chamados de mono-carvoeiros, divididos em duas espécies. O muriqui-do-norte, de cara rosada, habita florestas mineiras e capixabas. No Rio de Janeiro, em São Paulo e no norte do Paraná, vive o muriqui-do-sul, de cara preta. Outros candidatos são a jaguatirica e o mico-leão-dourado. A decisão ficará a cargo do Comitê Rio 2016.

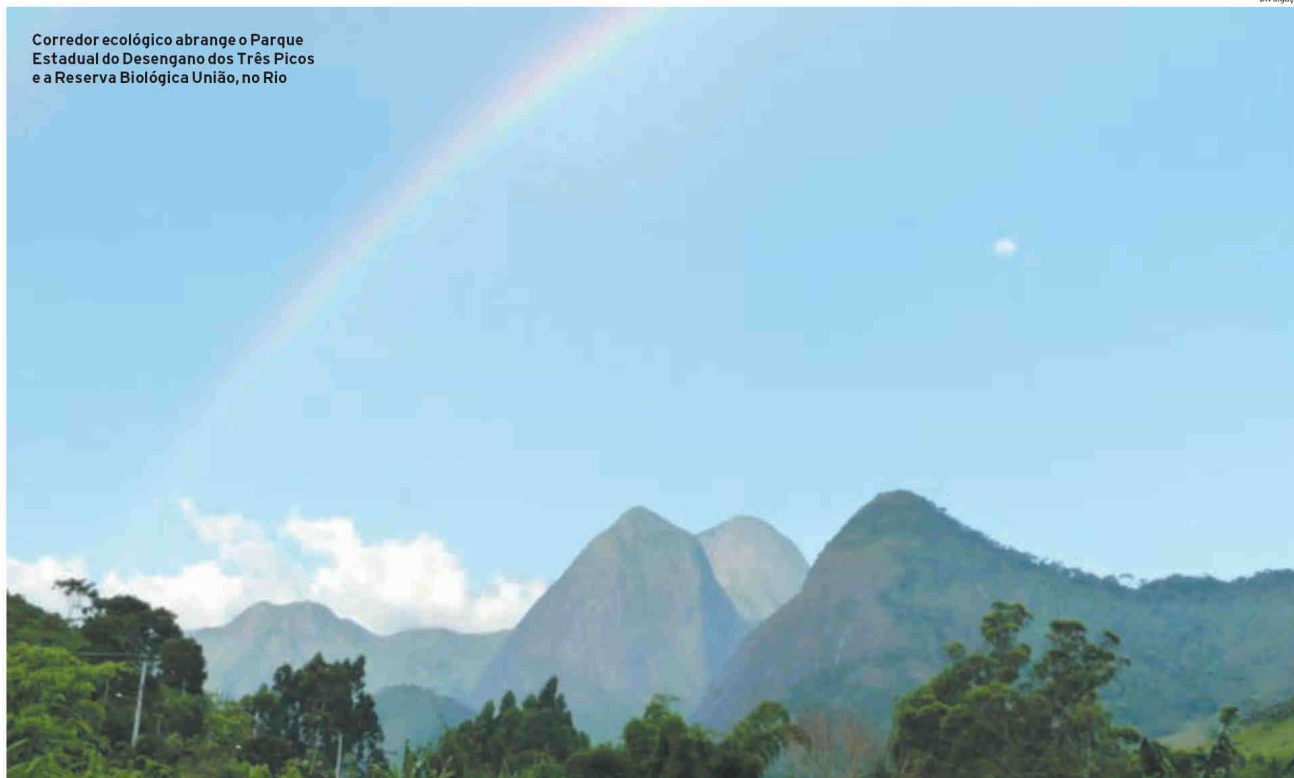


Divulgação

Muriqui-do-sul ou monocarvoeiro

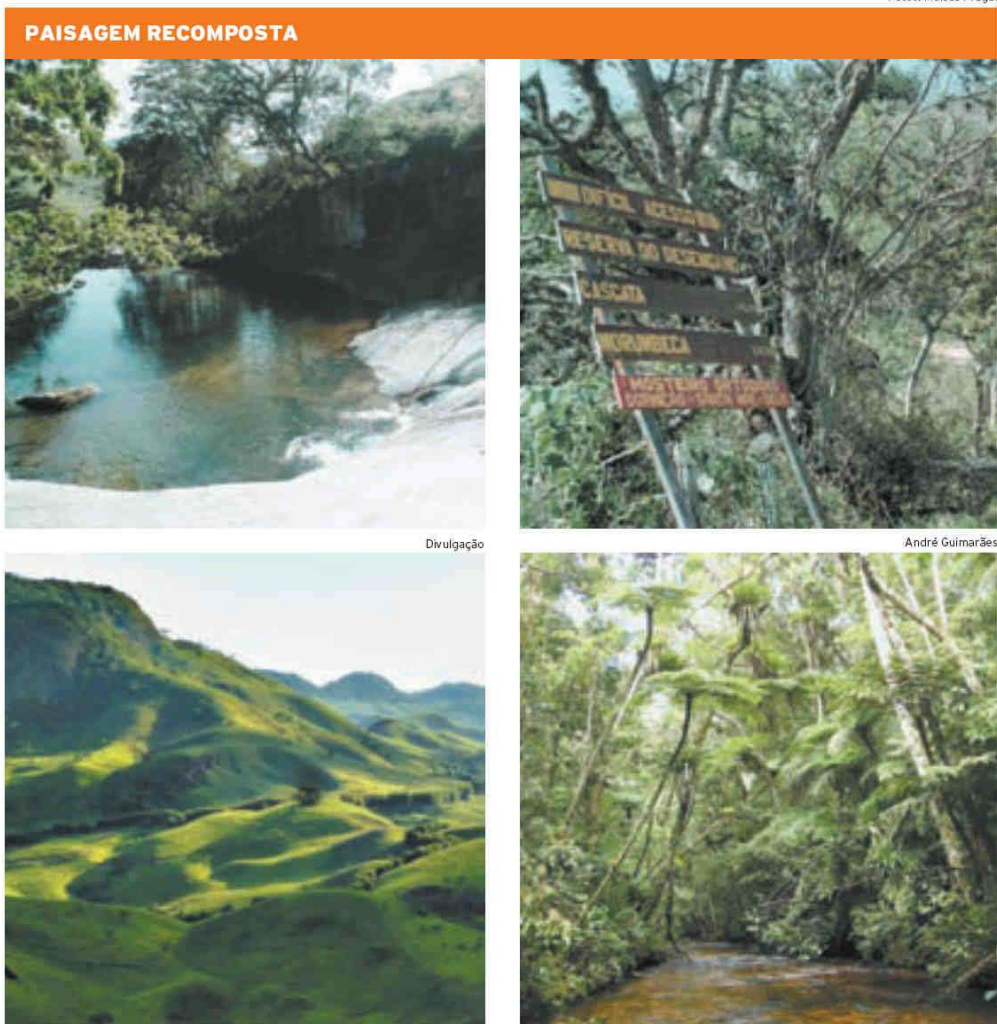
Corredor ecológico abrange o Parque Estadual do Desengano dos Três Picos e a Reserva Biológica União, no Rio

Divulgação





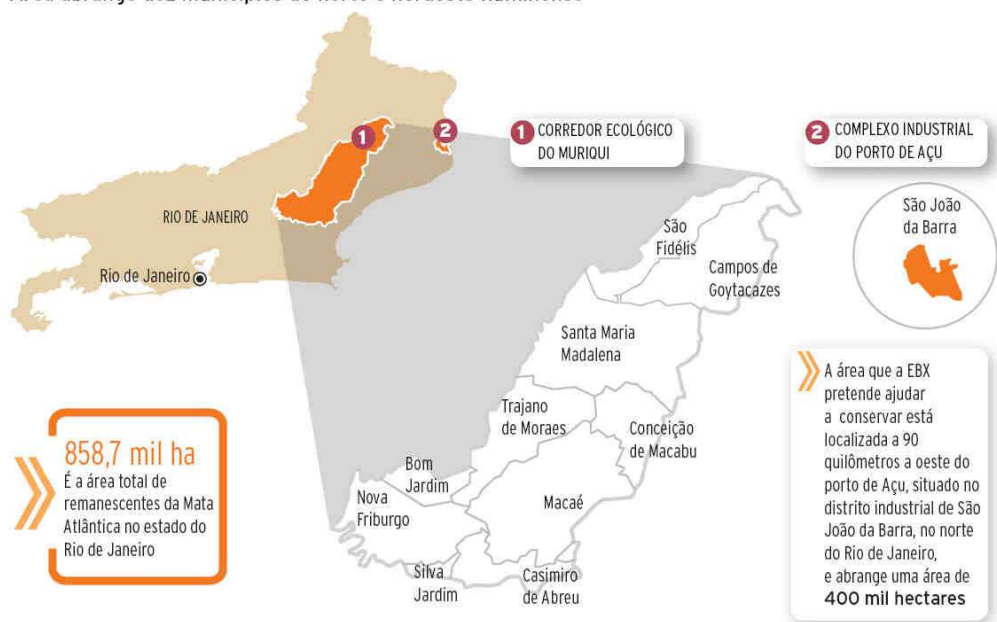
Fotos: Moisés Pregel



Nas matas remanescentes do norte do Rio foram encontrados os mais altos índices de biodiversidade da Mata Atlântica no estado, sendo por isso considerada uma região da mais elevada prioridade, em termos de conservação. A proposta do corredor ecológico é recompor a paisagem das propriedades hoje transformadas em pasto.

ONDE FICA O CORREDOR ECOLÓGICO DO MURIQUI

Área abrange dez municípios do norte e nordeste fluminense



Fonte: Brasil Florestas



LUCIANO MARTINS COSTA

Jornalista e escritor, consultor em estratégia e sustentabilidade

Destino da “gente tranquila” está ligado à Mata Atlântica

No idioma tupi, a palavra mურიқи quer dizer “gente tranquila”. O nome vem provavelmente da expressão dócil e do hábito de se juntar em pequenos grupos discretos, embora alguns biólogos ressaltem a índole pacífica dessas comunidades como possível origem para a denominação. Quem vive ou cresceu junto a áreas de Mata Atlântica sabe diferenciar o mono-carvoeiro do agressivo bugio ou do ruidoso e irrequieto macaco-prego.

No Vale do Ribeira, região onde ainda sobrevivem alguns bandos, os caboclos e caiçaras contam histórias de mურიқиs com feições e modos de gente. Diz-se, por exemplo, que quando o grupo se aglomera numa árvore para se alimentar, um deles fica de guarda, avisando os demais sobre algum perigo. Quando o vigilante falha, apanha dos demais. Em silêncio.

O maior primata das Américas, que pode atingir até 1,5 metro de comprimento, está entre as espécies mais ameaçadas de extinção em todo o mundo porque se reproduz pouco, precisa de extensas áreas para se alimentar e porque tem sido vítima da caça ilegal. Com os recortes feitos pelo desmatamento da Mata Atlântica, o mურიқи também tem reduzida a oferta de alimentos para seu cardápio variado de vegetais e insetos e se torna ainda mais vulnerável à ação dos caçadores.

Com as principais manchas de floresta tropical localizadas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, restam poucas alternativas para a preservação dessa

Com as principais manchas de floresta tropical localizadas nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, restam poucas alternativas para a preservação dessa e de outras espécies

e de outras espécies de mamíferos, como o lobo-guará. Na Bahia, por exemplo, o mურიқи já é considerado extinto. Entre o litoral sul paulista e o norte do Paraná, com a proximidade entre o Parque Estadual da Ilha do Cardoso e o Parque Nacional do Superagui, as condições para a sobrevivência desses animais são otimistas, mas no nordeste de Santa Catarina, apenas algumas matas ralas unindo pequenas extensões de reservas privadas oferecem hábitat para o animal.

Nessa circunstância, talvez a maior esperança seja a criação de corredores extensos de Mata Atlântica, mantidos pela iniciativa privada

A escolha do norte fluminense representa também um esforço para recompor a floresta, que na região se reduz a algumas manchas isoladas. Um corredor de 400 mil hectares, juntando dois parques e uma reserva, com um potencial de recuperação de 9 mil hectares de florestas que foram destruídas entre essas áreas são iniciativas que compõem provavelmente a maior ação, em termos de extensão, já realizada na luta em defesa da Mata Atlântica.

Considerada uma das maiores concentrações de biodiversidade do mundo, a Mata Atlântica, onde ainda existe, é um dos ambientes mais inexpugnáveis do planeta. Estendida ao longo da costa brasileira, foi atacada muito antes da chegada dos colonizadores portugueses, pelo hábito indígena da coivara, ou limpeza do terreno pelo fogo, prática agrícola rudimentar mantida até hoje por comunidades ribeirinhas. Se não houver outras iniciativas como a do corredor pode ser que os brasileiros apresentem como mascote dos Jogos Olímpicos mais um bicho morto em vez da “gente tranquila”. ■